



BELEZA, VIOLÊNCIA E SEXUALIZAÇÃO DOS CORPOS: a colonialidade do poder e de gênero, em *Nossa parte de Noite*, de Mariana Enriquez

BEAUTY, VIOLENCE AND SEXUALIZATION OF BODIES: the coloniality of power and gender, in *Our share of Night: a novel*, by Mariana Enriquez

BELLEZA, VIOLENCIA Y SEXUALIZACIÓN DE LOS CUERPOS: la colonialidad del poder y el género, en *Nuestra parte de noche*, de Mariana Enriquez

Fábio da Silva Sousa¹ & Marcos Antonio Leite Júnior²

Resumo: A colonialidade impôs novos modos de ter um corpo, estabelecendo normas, padrões e regras para nomear a si mesmo e nomear o(a) outro(a). Nosso objetivo é refletir, a partir dos estudos descoloniais, sobre como os corpos são descritos em *Nossa parte de noite*, de Mariana Enriquez, abordando dois pontos: a imposição de um padrão de beleza europeu e como isso impactou as vidas de Rosario Bradford e Tali, distorcendo sua autoimagem e autoestima; e, em um segundo ponto, a Ordem como instituição que sobreviveu com a ajuda da colonialidade do poder e de gênero, usando, violando e assassinando homens e mulheres médiuns. Os resultados obtidos até o momento indicam que, na modernidade, o corpo perfeito é irreal e faz parte de estratégias de

¹ Fábio da Silva Sousa é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana (PPGCult), da UFMS. Líder do grupo de pesquisa do CNPQ “Laboratório Interdisciplinar de Estudos Culturais (LindeCult)”. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9767-9248>. E-mail: fabio.sousa@ufms.br.

² Marcos Antonio Leite Júnior é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana (PPGCult), da UFMS. Membro do grupo de pesquisa do CNPQ “Laboratório Interdisciplinar de Estudos Culturais (LindeCult)”. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8298-1230>. E-mail: marcos.l.junior@ufms.br.

mercado, invisibilizando belezas outras. Em relação aos(as) médiums, constatou-se que todos(as) foram violados(as); no entanto, o corpo africano foi totalmente desumanizado e animalizado, e o corpo do imigrante na América Latina foi sexualizado e fetichizado. Dialogamos com as teorias descoloniais para investigar as complexas relações impostas pela colonialidade descritas no livro.

Palavras-chave: Nossa Parte de Noite; Colonialidade do poder; Colonialidade de gênero.

Abstract: Coloniality imposed new ways of inhabiting the body, establishing norms, standards, and rules for self-naming and naming others. Our objective is to reflect, based on decolonial studies, on how bodies are depicted in *Our Share of Night: a novel* by Mariana Enriquez. We focus on two main aspects: the imposition of a European beauty standard and its impact on the lives of Rosario Bradford and Tali, distorting their self-image and self-esteem; and secondly, the Order as an institution that persisted through the coloniality of power and gender, exploiting, abusing, and killing male and female mediums. The preliminary findings suggest that in contemporary times, the ideal body is unattainable and is often a product of market strategies, marginalizing other forms of beauty. Regarding the mediums, it was observed that all of them were assaulted; however, the African body was dehumanized and animalized, while immigrant bodies in Latin America were sexualized and fetishized. We engage with decolonial theories to explore the intricate relationships shaped by coloniality as depicted in the novel.

Keywords: Our Share of Night; Coloniality of power; Gender Coloniality.

178

Resumen: La colonialidad impuso nuevos modos de tener un cuerpo, estableciendo normas, estándares y reglas para nombrarse a uno mismo y a los demás. El objetivo es reflexionar, desde los estudios decoloniales, sobre cómo se describen los cuerpos en *Nuestra parte de noche*, de Mariana Enriquez, abordando dos puntos: la imposición de un estándar de belleza europeo y cómo esto impactó en las vidas de Rosario Bradford y Tali, distorsionando su autoimagen y autoestima; y el segundo punto, la Orden como institución que sobrevivió con la ayuda de la colonialidad del poder y del género, utilizando, violando y asesinando a hombres y mujeres médiums. Los resultados obtenidos hasta el momento indican que en la modernidad, el cuerpo perfecto es irreal y forma parte de las estrategias del mercado, invisibilizando otras bellezas. En relación a los(as) médiums, se encontró que todos(as) fueron violados(as), sin embargo, el cuerpo africano fue totalmente deshumanizado y animalizado, mientras que el cuerpo del inmigrante en América Latina fue sexualizado y fetichizado. Nos apoyamos en las teorías decoloniales para investigar las complejas relaciones impuestas por la colonialidad descritas en el libro.

Palabras clave: Nuestra Parte de Noche; Colonialidad del poder; Colonialidad del género.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, procuramos abordar as violações do corpo em *Nossa parte de noite* pela perspectiva dos estudos descoloniais. Observa-se que a colonialidade marca, ainda hoje, os modos como entendemos os corpos. Dessa forma, refletir sobre as descrições de cada personagem pode apresentar caminhos outros para o entendimento do pensamento colonial que assombra a América Latina. Um mundo que foge do óbvio e do real faz parte do processo criativo de autoras de ficção. No caso em que estamos investigando, Mariana Enriquez criou uma seita milenar intitulada Ordem, que cultua o deus Escuridão. Após o deus ditar os segredos para conquistar a imortalidade (a transferência de consciência de um corpo para o outro), o atual médium, Juan, descobriu que deveria ser o primeiro; ou seja, ocuparia o corpo de seu filho, Gaspar. Por isso, *Nossa parte de noite* conta a história de um pai que luta para salvar a vida de seu filho. Contudo, não se trata apenas disso; o romance possibilita entender como os corpos são marcados pela violência da colonialidade, uma vez que as famílias ricas violam diferentes grupos sociais. Entretanto, os Bradfords, ainda que sejam ricos, não recebem o mesmo reconhecimento dos Mathers, família inglesa. Em um primeiro momento, vamos investigar como a concepção do belo e do feio impactou as vidas das personagens Rosario Bradford e Tali. Posteriormente, o tratamento e a série de opressões a que os médiuns são expostos abrem espaço para pensarmos no corpo pobre, do africano e do imigrante, pois eles são sexualizados e inferiorizados no romance. Espera-se que a investigação contribua para os estudos interdisciplinares e para a compreensão da obra de Mariana Enriquez.

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES entre literatura e descolonialidade

Em 1492, inicia-se o processo de invasão da América Latina pela empresa de Cristóvão Colombo³. O marco é reconhecido pela historiografia eurocêntrica como “a descoberta da América”. Os territórios, saberes e corpos latino-americanos ainda sofrem a presença da colonialidade, e inicia-se, segundo Aníbal Quijano (2005a), uma nova organização do mundo: “Daqui partiu o processo histórico que definiu a dependência histórico-estrutural da América Latina e deu

³ “Empresa de Colombo” é como Edmundo O’Gorman (1992) denominou as navegações realizadas por Cristóvão Colombo, na obra clássica *A Invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir*.

lugar, no mesmo movimento, à constituição da Europa Ocidental como centro mundial de controle desse poder.” (QUIJANO, 2005a, p. 9). Neste processo, a América Latina é a primeira identidade/entidade criada pelos europeus (2005a, 2005b). Observa-se que os impactos da colonialidade distorcem a nossa compreensão do belo e do feio, assim como a forma como lidamos com os corpos em seus diferentes sentidos e dimensões, tanto as condutas positivas: valorização, reconhecimento e humanização do corpo branco/europeu, quanto as negativas: desumanização, violência, segregação, opressão e morte dos corpos pobres ou corpos não brancos do Sul Global. *Nossa parte de noite* evidencia, por meio da ficção, muitas das denúncias mencionadas anteriormente aqui. Isso porque Enriquez descreve de múltiplas formas as violências que um corpo pode sofrer: seja pelas compreensões da beleza, pela desumanização de alguns sujeitos ou ainda pela violência de Estado, isto é, aqueles(as) que sofreram, em maior ou menor grau, as consequências de um estado ditatorial. Por este motivo, destaca-se a relevância do diálogo interdisciplinar entre descolonialidade e literatura, uma vez que a literatura provoca incômodos que muitas vezes ignoramos ou não damos a devida atenção em nossa sociedade. Rodrigo Lenharo Perin (2024), em seu trabalho de conclusão de curso, se preocupou em demonstrar a importância de compreender, produzir e consumir filosofia latino-americana, visto que não se pode buscar em uma filosofia eurocêntrica “universal” a resolução de todos os nossos problemas. Para o autor, há diferença entre o fazer filosofia na América Latina e o fazer filosofia latino-americana:

Fazer filosofia na américa-latina é continuar repetindo a filosofia ocidental e tentar entender a própria realidade sob os moldes eurocêtricos do conhecimento filosófico tradicional. A filosofia Latino-americana é o rompimento com este pensamento tradicional eurocêntrico e dominador, ou melhor, é a redefinição do que já se tem (PERIN, 2024, p. 14).

Por meio disso, entendemos a necessidade de escrever e ler literatura latino-americana, já que a narrativa literária pode oferecer olhares e vozes próprias de um lugar e contribuir para pensar a nossa realidade. Como enfatiza Quijano (2005a), o nosso cenário é de dependência histórico-estrutural e, neste novo padrão de poder estabelecido pela colonialidade, a Europa se tornou o centro universal global. Seguindo a reflexão de Perin (2024), na atualidade, faz-se urgente reconhecer e valorizar as epistemologias latino-americanas, que incluem a ficção, pois esta não está alheia à possibilidade de expressar contribuições para o presente e desejos para um futuro. Portanto, o entrecruzamento de uma obra

literária latino-americana e a descolonialidade permite ecoar os gritos que não ouvíamos e que não podemos ouvir apenas com o cânone do norte global, considerado definitivo, essencial e universal. Raewyn Connell foi categórico nesta questão:

Na Austrália ou no Brasil, nós não citamos Foucault, Bourdieu, Giddens, Beck, Habermas etc. porque eles conhecem algo mais profundo e poderoso sobre nossas sociedades. Eles não sabem nada sobre nossas sociedades. Nós os citamos repetidas vezes porque suas ideias e abordagens tornaram-se os paradigmas mais importantes nas instituições de conhecimento da metrópole – e porque nossas instituições de conhecimento são estruturadas para receber instruções da metrópole (CONNELL, 2012, p. 10).

Dessa maneira, a fuga de cânones lidos como universais é fundamental nas pesquisas da/na América Latina. O diálogo com obras latino-americanas contribui ao propor modos particulares de criar literatura, distanciando-se, em certa medida, dos clássicos do norte global que, como tentamos demonstrar, são válidos, mas não a única forma legítima de literatura.

COLONIALIDADE, gênero e definições do belo

181

Rosario era uma antropóloga argentina, filha de uma das líderes da Ordem, a temida Mercedes. Desde a infância, sentia-se insegura com a sua aparência, como se lhe faltasse algo: “Tenho os cabelos escuros e os olhos castanhos do meu pai, mas me faltam sua elegância” (ENRIQUEZ, 2021, p. 295). Inicialmente, é importante demarcar que, no caso de Rosario, a elegância que lhe faltava estava relacionada ao conjunto de regras, comportamentos, aparência e trejeitos de uma elite. Em seguida, ela continuou: “Ele me disse [pai de Rosario], quando eu era muito pequena, que, se eu quisesse ser uma mulher bonita, deveria fazer um esforço. Isso me fez chorar, mas o agradei” (ENRIQUEZ, 2021, p. 295). Mais tarde, Rosario foi estudar na Inglaterra, e a presença da colonialidade ainda estava por todos os cantos. Mesmo sendo rica, a jovem não era europeia. Em Londres, Rosario manteve contato com um universo *fashion* diferente de sua realidade, como podemos ver na menção seguinte: “Suas modelos davam voltas pelos salões: a própria Biba dizia que elas tinham ficado desnutridas no pós-guerra e por isso agora eram belas e magras” (ENRIQUEZ, 2021, p. 337).

Por ser uma realidade muito diferente, a magreza em excesso⁴, as passarelas e as roupas marcaram Rosario durante sua estadia em Londres: “Eu tinha sido criada como uma milionária da América do Sul, pura proteína e laticínios [...]” (ENRIQUEZ, 2021, p. 337). Rosario foi excluída de um padrão de beleza; sabemos que essa concepção de belo é inalcançável e, no caso da personagem, estava inserida outra característica: ser europeia. As tentativas de se tornar bonita, ou “melhorar” esteticamente, estavam ligadas à busca por referências distantes de sua realidade, de seu corpo e de sua beleza, eram referenciais europeus.

Para Connell (2012), um cânone universal não sabe nada sobre nós (do Sul Global). No mesmo sentido, o conjunto do que é considerado fino, elegante, belo e recatado também não nos engloba, pois são regras e saberes importados do Norte Global. Assim, constata-se que o ideal de beleza nos foi importado da Europa. Algumas pessoas podem considerar como um ato positivo o fato de Rosario procurar ajuda e apoio de uma profissional da moda. No entanto, estaríamos adentrando em uma falsa autoestima, o que pode ser perigoso para os estudos descoloniais, uma vez que a autoestima não está em disfarçar o corpo com o uso de joias e roupas caras, como foi feito pela personagem. O autocuidado não deveria estar preso às lógicas do mercado. Com isso, queremos dizer que a busca do belo não deveria ser motivada pelo consumo exagerado de bens e produtos oferecidos pelo mercado. Ressaltamos a diferença entre buscar serviços oferecidos pela estética e pela moda para se sentir bem ou expressar seus sentimentos/identidades (no caso das roupas, adereços, maquiagem e cabelos) e aquilo que foi almejado e feito por Rosario, ou seja, disfarçar o corpo acusado de ser feio: “Sempre precisei estar bem-vestida para ter conversas sérias. Com a roupa adequada, toda a minha insegurança desaparece.” E, a seguir: “Sandy estava louca, há anos, pelas calças de chiffon de Ossie Clark [...] tudo ficava bem nela. Eu precisava ser mais cautelosa” (ENRIQUEZ, 2021, p. 336).

Neste sentido, vale a pena mencionar a história de Tali, meia-irmã de Rosario. A personagem foi constantemente marcada pela violência interseccional entre gênero e raça. É preciso mencioná-la, pois assim podemos enxergar as pluralidades presentes na narrativa de Enriquez. Descrita como uma mulher linda,

⁴ No contexto, Rosario descreve que as modelos estavam desnutridas, então a menção à “magreza em excesso”, nos alerta para problemas de saúde relacionados às tentativas de alcançar um corpo perfeito/ideal.

Tali guarda para si as inseguranças com sua aparência e idade, sendo um bom exemplo de que nem todas as mulheres (e outros sujeitos) poderão lidar com suas inseguranças da mesma forma e com os mesmos recursos. Tali nos convida a desenvolver um olhar interseccional sobre as mulheres latino-americanas, como propôs María Lugones: “La interseccionalidad revela lo que no se ve cuando categorías como género y raza se conceptualizan como separadas unas de otra” (LUGONES, 2008, p. 81).

Lugones (2008) utilizou o termo “mulher de cor” para agrupar as mulheres não brancas que sofrem a violência da colonialidade, dentro do que a autora chamou de sistema moderno/colonial de gênero. Tali não era tratada como parte da família Reyes Bradford⁵, sendo maltratada por Mercedes durante a infância. A seguir, podemos ver como o irmão de Mercedes, o médico Jorge Bradford, via Tali: “Bradford a tratou com desprezo, como sempre. Para Bradford, ela era o fruto das indiscrições de Adolfo com uma bruxa do povoado” (ENRIQUEZ, 2021, p. 113).

Leandra, mãe de Tali, era considerada a “bruxa do povoado” e, em outro momento, foi descrita por Mercedes como “índia”⁶. A morte de Leandra é resultado da branquitude violenta e perversa contra as mulheres de cor, consequência da colonialidade de poder e, como mencionamos anteriormente, precisa levar em consideração o sistema moderno/colonial de gênero proposto por Lugones. A partir disso, tornam-se evidentes os(as) sujeitos(as) violados(as) pela família Reyes Bradford. São exemplos: Leandra (que morreu vítima de um câncer ocasionado por Mercedes, mas isso não quer dizer que tenha sido a única violência que sofreu) e Tali (preconceito, machismo, violência simbólica, entre outros). É preciso observar que: “A pesar que en la modernidad eurocentrada capitalista, todos/as somos racializados y asignados a un género, no todos/as

⁵ Usamos o sobrenome Reyes Bradford para mencionar a união e dinâmica da família formada por Adolfo Reyes e Mercedes Bradford. Já quando mencionamos apenas o sobrenome Bradford focamos em uma das famílias que deu origem à Ordem, desde William Bradford (fundador da Ordem na Inglaterra ao lado de seu amigo Thomas Mathers) até Mercedes Bradford (uma das atuais líderes da Ordem).

⁶ O termo “índio” é considerado pejorativo e inadequado para se referir aos povos originários da América. Por essa razão, o uso de “índio” por Mercedes denota desprezo e desrespeito por Leandra e por inúmeros grupos étnicos do continente.

somos dominados o victimizados por ese proceso. El proceso es binario, dicotómico y jerárquico” (LUGONES, 2008, p. 82).

A menção de Lugones contribui para o entendimento dos quadros de violência presentes no livro. Ao analisarmos Rosario, Leandra e Tali, notamos que a primeira vivia inseguranças com sua aparência e acessava produtos caros para construir uma falsa autoestima. No ambiente acadêmico, ela esteve cercada por homens. Neste espaço, observamos o machismo estrutural que a autora deixa evidente. Essa crítica não deve ser menosprezada. Contudo, Leandra e Tali, enquanto mulheres não brancas, sofreram a violência de gênero e de raça. Mercedes assassinou sua filha Rosario com o intuito de não perder o poder dentro da Ordem. Por outro lado, causar uma doença em Leandra está relacionado ao poder de violar e fazer morrer aquele(a) considerado(a) “inferior”, apenas pelo prazer de ver o sofrimento do(a) outro(a). Um outro exemplo são as crianças guaranis (crianças não brancas) mantidas em cativeiro e os(as) sequestrados(as) da ditadura argentina (1976–1983) sacrificados(as) por Mercedes ao deus Escuridão. Esse processo ressalta a cumplicidade entre o Estado não democrático e a família Reyes Bradford.

Dito isso, vale ressaltar que Tali também se sentia insegura com sua aparência e corpo:

Tali olhou de soslaio para seu reflexo no vidro da janela. Tinha completado trinta anos. Quando diziam que ela era linda, referiam-se a seus cabelos pesados, a seu corpo acostumado a caminhadas e ao brilho de seus olhos escuros. Mas ela nunca se maquiava, não se preocupava com pele, não gostava de anéis e pulseiras; quando a elogiavam havia sempre reticências, “mas seria muito mais bonita se...”. Sentia que estava ficando velha, que precisava fazer algo a respeito das linhas de expressão em torno da boca, ou das estrias nos quadris, consequência de seus verões em bicicleta, que haviam afinado bastante suas pernas. (ENRIQUEZ, 2021, p. 113).

No entanto, a ela não era autorizado sentir, pois, dentro do sistema moderno/colonial de gênero, as mulheres não brancas não foram entendidas como mulheres:

También es parte de su historia, que en el Occidente, sólo las mujeres burguesas blancas han sido contadas como mujeres. Las hembras excluidas por y en esa descripción no eran solamente sus subordinadas sino también eran vistas y tratadas como animales, en un sentido más profundo que el de la identificación de las mujeres blancas con la naturaleza, con los niños, y con los animales pequeños. Las hembras no-blancas eran consideradas animales en el sentido profundo de ser seres «sin género», marcadas sexualmente como hembras, pero sin las características de la

femineidad. Las hembras racializadas como seres inferiores pasaron de ser concebidas como animales a ser concebidas como símiles de mujer en tantas versiones de «mujer» como fueron necesarias para los procesos del capitalismo eurocentrado global (LUGONES, 2008, p. 94).

Animalizar o corpo de Tali permite a Jorge Bradford tratá-la como inferior, sem reconhecê-la como pertencente à família. É interessante analisar o desprezo da família por Leandra (considerada “apenas” uma bruxa do povoado), mesmo quando eles também fugiam das normas. No entanto, no caso dos Reyes Bradford, a fuga está ligada ao poder e status, ou seja, diferenciar-se da maioria, sair da mesmice, não precisar ser idêntico aos demais, porque são ricos e ocultistas: “Ser rico nos iguala a todos os ricos. Sermos fundadores da Ordem nos diferencia do mundo inteiro” (ENRIQUEZ, 2021, p. 292). Além disso, quando Bradford reprova o comportamento do cunhado, Adolfo Reyes, é do ponto de vista moral/aristocrático, uma vez que Reyes teve uma filha com uma mulher indígena, o “fruto da indiscrição”, e agora é preciso tolerar sua presença na família. Mesmo que, suponhamos, Bradford reprove relações extraconjugais, seu maior incômodo parece ser o resultado das traições (o nascimento e presença de Tali) e não a traição em si. Nesse sistema de família, Rosario é a única e legítima filha de Adolfo.

185

Dando sequência à análise, Mercedes menciona que adoeceu Leandra porque o marido se importava com ela, ou seja, existia um vínculo afetivo/amoroso. Mercedes representa a perversidade da Colonialidade do Poder e de gênero ao matar um corpo não branco que ama e vive na sociedade, escolhendo intencionalmente não ferir o seu marido. Ainda que ele tenha sido afetado pela morte da amante, Adolfo Reyes permanecia vivo e livre, ou seja, a Ordem permitia/incentivava relações não monogâmicas e desprezava o ciúme. Porém, dentro do sistema moderno/colonial de gênero, Mercedes protege o homem branco, o marido, o casamento, e mantém as estruturas patriarcais da sociedade. Mariana Enriquez criou mulheres más e perversas para liderar a seita, rompendo com os vilões masculinos que assumem e controlam o poder na esfera pública e privada, amplamente encontrados na literatura. O protagonismo e antagonismo feminino são pontos de relevância em suas obras, porém é preciso se lembrar que isso não tornou a Ordem menos patriarcal e colonial. Sendo assim, Mercedes, Jorge Bradford e outros personagens atuam violando as personagens racializadas.

A partir das reflexões apresentadas até o momento, gostaríamos de destacar a imposição de um padrão de beleza presente na vida das personagens. Enriquez,

ao criar Rosario e Tali, deixa evidentes concepções de beleza que excluem a maioria das pessoas. Tanto Rosario quanto Tali precisaram lidar com opiniões e comentários desagradáveis sobre como deveriam ser, o que reforça a lógica mercadológica do ser bonito(a), sobretudo direcionada às mulheres. É importante assinalar que sempre existiram concepções de beleza em cada sociedade, mas o que destacamos aqui é que, na modernidade, o europeu surgiu como corpo normal, como mencionado por Edward Said (2007): “O oriental é irracional, depravado, infantil, ‘diferente’; o europeu é racional, virtuoso, maduro, ‘normal’” (SAID, 2007, p. 73). Portanto, a beleza em *Nossa parte de noite* é colonialista (considera a Europa como única referência), universal (desconsidera belezas outras), irreal (é impossível alcançá-la) e capitalista (usa estratégias de consumo desenfreado de produtos e serviços para construir uma falsa autoestima).

O CORPO médium

Existem outros personagens na narrativa que são marcados como corpos não brancos ou que são violados por sua realidade socioeconômica. O histórico dos(as) médiuns da Ordem demonstra a apropriação de um corpo que é importante para cumprir um propósito, mas, devido à sua realidade — corpo não branco e/ou pobre —, é desprezado pela sociedade e, conseqüentemente, pela Ordem.

Aqui, nós nos concentraremos em dois médiuns: Olanna (Serpente da Lua) e Juan (o deus dourado). Porém, para explicar melhor o caso do corpo europeu que também pode ser violado, citaremos o primeiro médium encontrado por William Bradford e Thomas Mathers: o jovem escocês. A história se inicia em 1752, ano em que os dois amigos encontraram em um vilarejo da Escócia um garoto que fazia previsões e adivinhações: “Não foi difícil levá-lo do vilarejo: seus pais confiaram nos elegantes senhores ingleses” (ENRIQUEZ, 2021, p. 294). O jovem foi submetido a muitos rituais em pouco espaço de tempo, ocasionando um derrame cerebral que o levou a óbito. Após o jovem morder Thomas Mathers: “Amarraram-no. A imobilidade provavelmente causou o coágulo que o matou. Não tinha ficado louco, como dizia o diário: eles o tinham enlouquecido” (ENRIQUEZ, 2021, p. 295). Nos diários de registro, o jovem nem sequer foi nomeado, foi chamado de “jovem escocês”, e, a partir disso, Rosario reflete sobre a história de sua família: “Isso também é ser rico, pensei então: esse desprezo pelo precioso e a incapacidade de oferecer a dignidade de nomear.” (ENRIQUEZ,

2021, p. 294). Um outro caso seria a médium Encarnación, encontrada na Catalunha; a jovem foi estuprada e, após o ocorrido, matou todos os homens da Ordem. A seita violaria qualquer pessoa para conquistar seu maior desejo: a imortalidade. Ambos os casos são importantes e merecem análises minuciosas. No entanto, reparem que, mesmo sendo corpos europeus, o jovem escocês e Encarnación estão em regiões tidas como fora do centro: Escócia em relação à Inglaterra, e a Catalunha, território conhecido por sua resistência ao imperialismo interno espanhol. Resta-nos saber se este processo de violência ocorre sempre da mesma forma.

No século XX, George Mathers encontra uma nova médium para a Ordem. Mathers trabalhava para a *National Africa Company* e encontrou Olanna, conhecida por seu grupo étnico como “Aquela que traz a noite” ou “A serpente da Lua”, na região que no livro é descrita como a atual Nigéria. A jovem tinha 15 anos e era sobrinha distante do rei de Nri. Na descrição apresentada, podemos notar como o reino foi destruído com a invasão dos europeus: “O reino não existia mais: pouco antes, em 1911, tropas do Império tinham forçado o rei a renunciar a seu poder ritual e político. Olanna havia escapado para Ibadan, ajudada por sacerdotes” (ENRIQUEZ, 2021, p. 304).

187

Depois de presenciar o poder de Olanna, George Mathers decide levá-la para a Inglaterra, para que a jovem fosse a nova médium da Ordem. Neste trecho, observamos mais uma vez a atuação do homem europeu/branco e seu poder de decisão na sociedade: “Levá-la foi muito simples para um homem de sua posição. É sempre fácil, para nós, conseguir o que queremos” (ENRIQUEZ, 2021, p. 305). George Mathers estava disposto a mostrar para a moça um mundo totalmente diferente do seu, mas isso não significa que fosse interessante para Olanna: “Ele contava a ela sobre Londres, sobre sua esposa, Lily [...] Falou sobre o mar frio e a neve. Olanna ouvia, séria: George notava que ela aprendia, mas, ao mesmo tempo, não considerava nada daquilo uma maravilha. Era simplesmente diferente do que ela conhecia” (ENRIQUEZ, 2021, p. 305-306).

A chegada de Olanna foi muito aguardada pela Ordem, pois permitiria o contato com a Escuridão. No entanto, os membros se decepcionaram com a imagem da garota: “Esperavam [...] uma mulher alta e magra, mais parecida às das fotografias da África Oriental, com seus pescoços longos; não esperavam aquela menina miúda, com o rosto marcado por cicatrizes e a cabeça redonda. Mas a trataram com reverência.” (ENRIQUEZ, 2021, p. 306). O trecho demonstra

o imaginário do belo que temos sobre o(a) outro(a), e a visão única de África e africano(a). Em ambos os casos, nota-se que “O corpo evidencia diferentes padrões estéticos e percepções de mundo” (GOMES, 2002, p. 42). Em relação ao belo: “Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais” (GOMES, 2002, p. 42). Já em relação à visão única que temos sobre a África, Chimamanda Ngozi Adichie (2009), em sua obra *O perigo de uma história Única*, apresenta o modo como criamos uma história única de alguém, de um grupo, de um país ou ainda de um continente inteiro. Os(as) participantes da Ordem contavam todas as versões da sua história para as crianças iniciadas ao culto, desde sua fundação até os dias atuais. No entanto, eram incapazes de conhecer outras narrativas sobre a África e os grupos que viviam no continente. Neste mesmo sentido, observa-se que Olanna perde sua identidade pessoal, é sugada pela história única e fictícia de um continente: “Nota-se que a identidade pessoal é subsumida à identidade social. O que faz com que o sujeito negro seja compreendido de acordo com a essencialização de seu grupo étnico-racial” (FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 108). Ter uma outra versão sobre a África seria impossível diante da ligação das famílias Mathers e Reyes Bradford com as forças dominantes de sua época. Por exemplo, Charles Mathers e sua relação com as invasões e colonização de territórios africanos, ou nas últimas décadas do século XX, Mercedes e sua cumplicidade com os militares argentinos. Evidencia-se que George Mathers tinha consciência de seus atos, pois ele:

Soube que ela iria morrer. Não naquela noite, mas em breve. Nenhum corpo conseguia suportar a intensidade da visita da Escuridão. E seu pai a usaria com frequência. Se possível, diariamente. Tinha visto sua ambição. Todos o apoiariam: Olanna era a médium, mas também era uma selvagem, nenhum dos Iniciados a considerava inteiramente humana (ENRIQUEZ, 2021, p. 309).

A previsão de Mathers estava correta, a médium foi submetida a vários rituais em um curto espaço de tempo e morreu após dois meses. Como apresentado anteriormente, Olanna não correspondia à imagem de africana esperada pelos(as) senhores(as) do culto, mas foi tratada com reverência. Isso não demonstra que seu corpo tenha sido humanizado e respeitado. Na realidade, a seita estava reverenciando o exótico: um corpo novo, frágil, cansado, doente e estranho que detinha tamanho poder, ou seja, um corpo que deve ser usado para

falar com um deus, sem restrições ou limites. Afinal, vale a pena lembrar, Olanna era considerada uma selvagem, não ser considerada totalmente humana permitiu que os Mathers desaparecessem com seu corpo: “O túmulo não tinha nome nem data: o enterro de uma adolescente africana em estado de desnutrição chamou a atenção das autoridades, mas o dinheiro dos Mathers podia silenciar qualquer escândalo” (ENRIQUEZ, 2021, p. 310). Após a morte da garota, George Mathers impediu seu pai de usar o corpo de Olanna em rituais, com o intuito de oferecer dignidade, entretanto, o crânio da jovem foi retirado do túmulo e usado em reuniões e rituais da seita. O fato comprova que um corpo morto pode ser usado e violado igualmente pela eternidade. Algumas pessoas podem questionar se os Mathers não desapareceriam com o corpo de um inglês rico com a mesma facilidade. Certamente sim, pois neste caso se leva em consideração a fortuna e influência dos Mathers. A família possuía meios financeiros de tomar decisões e silenciar pessoas, no entanto, isso causaria conflitos com outras famílias ricas e influentes. Os europeus pobres são violados por serem pobres, mas são considerados civilizados. Por este mesmo motivo, precisamos analisar melhor o vínculo entre a seita e Juan, o deus dourado.

Quijano (2005b) mencionou a relação de inferioridade entre os conquistadores e conquistados, baseada na ideia de raça:

Na América, a idéia(sic) de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova id-entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia(sic) de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus (QUIJANO, 2005b, p. 118).

As famílias Bradford (Argentina) e Mathers (Inglaterra) regem a Ordem. Embora ambas sejam ricas, percebe-se uma diferença entre elas desde sua origem: Thomas Mathers era terratenente e William Bradford era livreiro. Apesar de serem europeus, existia uma diferença hierárquica. Na atualidade, a família Bradford perde a identidade “europeia”, uma vez que as últimas gerações nasceram e vivem na Argentina. Mesmo que: “Viver na Argentina não diminuía sua importância: o dinheiro, costumavam dizer os Bradford, é um país em si mesmo” (ENRIQUEZ, 2021, p. 96), sabemos que a posição do país era geograficamente periférica e, dentro da lógica do novo padrão de poder estabelecido pela Europa, viver na Argentina os colocava fora do centro.

Logo, quando Jorge Bradford encontrou o menino muito doente que viria a ser o novo médium, modificou-se a história da própria família dentro da Ordem, uma vez que eram eles, os Reyes Bradford, quem estavam com Juan, aquele que trazia a Escuridão. Em relação à principal função do médium, continuava a mesma: comunicar-se com o deus Escuridão. Contudo, o atual médium era casado com Rosario, um nome importante dentro da seita devido às suas origens (Rosario era uma Bradford). Um casamento como este ainda não havia acontecido na história da instituição, provavelmente porque o médium era usado até a morte, como já explicado. O casal teve um filho e o garoto foi acompanhado pelos membros para identificar se possuía o dom paterno e assim evitar a futura ausência de um médium. Posteriormente, após a Escuridão ditar o segredo para a imortalidade, Juan descobriu que deveria usar o corpo de seu filho como recipiente, em outras palavras, a consciência de Juan viveria no corpo de Gaspar, e o menino morreria. Além de tudo, as atuais líderes da Ordem tornaram-se mais cuidadosas: a quantidade de rituais para manifestar a Escuridão diminuiu, Juan pôde viver com sua família (Rosario e Gaspar), ao contrário do que aconteceu com o jovem escocês, Encarnación e Olanna. Grandes reviravoltas ocorreram dentro da trama: Rosario foi assassinada e Juan se dedicou integralmente a proteger Gaspar de sua avó Mercedes e das demais líderes do culto.

190

Os privilégios que Juan ganhou não foram resultados de uma “humanização” dada ao corpo do médium, muito pelo contrário, como vimos, os interesses dos membros da seita continuavam cada vez mais perversos. Por isso, Juan foi submetido a inúmeras cirurgias e a frequência dos rituais diminuiu para que ele pudesse sobreviver e ser usado por mais tempo, até que o corpo de seu filho estivesse preparado para receber a consciência de Juan. Ao colaborar com a Ordem, Juan pôde viver “livre”, com dinheiro e recursos à sua disposição. No entanto, era vigiado e violado, e seu filho seria o próximo. Sara Becerril Matía (2020) questionou o uso do corpo de Juan e os mecanismos da seita para mantê-lo em uma relação de dependência:

El protagonismo del cuerpo aparece igualmente en la enfermedad de Juan: supone un estado de somatización de la represión ejercida por la secta sobre su condición de médium. Gracias a ella y a la intervención del Dr. Bradford, Juan ha sobrevivido el paso de los años, pero también por su culpa su estado se ha agravado. De esta manera, se construye simultáneamente una relación parasitaria y de simbiosis. Así, queda implícita la idea de que todo poder corrompe y ata al individuo en un estado de continua dependencia (BECERRIL MATÍA, 2020, p. 13).

Olanna não era considerada uma civilizada, e Juan também não ocupava a mesma posição de humano civilizado dos Reyes Bradford; era considerado um pouco selvagem. Mesmo sendo um homem branco e loiro, era marginalizado por sua posição de filho de imigrantes pobres. Sua família foi violada pelos Reyes Bradford que os viram como inferiores. Zapata Betancur (2021) em seu estudo sobre os significados da viagem em *Nossa parte de noite*, demonstrou a posição de Juan diante dos Reyes Bradford: “Y, por último, el destino del viaje no es un lugar totalmente salvaje, Puerto Reyes está habitado por las personas más cultas, incluso se puede decir que allí se invierte esta categoría, el salvaje [Juan] visita a los civilizados [Os Reyes Bradford] ” (ZAPATA BETANCUR, 2021, p. 41-42).

Ainda que, imaginemos, Juan e sua família pobre estabelecessem relações de poder fundamentadas em uma identidade “europeia”, eles não poderiam violar os Reyes Bradford, uma vez que estes últimos também se afirmavam “de origem europeia” e possuíam grande capital. Neste sentido, não bastava parecer europeu, era preciso ser rico. Isso vale para os Bradford, como foi apresentado previamente: Os Mathers não perderam a posição de ingleses, europeus e habitantes do centro do mundo, Londres/Europa. Por essa razão, notamos pequenas diferenças, ainda que sutis, entre os Bradford e os Mathers.

191

Quijano apresenta que a colonialidade impôs um novo sistema de trabalho a nível global: “Uma nova tecnologia de dominação/exploração, neste caso raça/trabalho, articulou-se de maneira que aparecesse como naturalmente associada, o que, até o momento, tem sido excepcionalmente bem-sucedido” (QUIJANO, 2005b, p. 119). Em *Nossa parte de noite*, é possível verificar como os membros do culto faziam parte desse sistema, seja George Mathers e seu trabalho na companhia de colonização de territórios africanos, ou os Reyes Bradford e a exploração de trabalhadores(as) em suas plantações de erva-mate na Argentina. Neste último caso, observa-se que a exploração se amplia para todos os corpos que são considerados inferiores e propensos a mão de obra mal remunerada. Na narrativa, além dos camponeses(as) e indígenas, o corpo do imigrante deve ser analisado com mais cuidado:

Em uma visita, Tali tinha ficado boba ao voltar a ver Juan na varanda fresca que dava para o rio. Ela crescera vendo filhos de imigrantes altos e loiros como aquele garoto, os suecos de Oberá, os alemães de Eldorado, os ucranianos de Aristóbulo del Valle. Em passeios com o pai, às vezes almoçava salsichas e admirava as orquídeas nas festas dos imigrantes; havia se apaixonado perdidamente por muitos daqueles jovens de olhos transparentes e pele escurecida pelo sol (ENRIQUEZ, p. 35, 2021).

No trecho citado, notamos o imaginário do belo a partir de imigrantes europeus. Tali cresceu vendo jovens loiros e de olhos claros, o que influenciou a sua percepção do bonito e do feio. Além disso, esses corpos frequentemente trabalhavam de forma mal remunerada e exploratória para homens como Adolfo Reyes. Por esta razão, vê-se que esses(as) imigrantes cumprem com a força de trabalho imposta pelo capitalismo e, ao mesmo tempo, são sexualizados(as), visto que se tornaram corpos pobres, belos, reprodutivos e úteis para a sociedade.

A partir desse percurso, defendemos que a Ordem seria capaz de violar qualquer corpo em busca de alcançar seus interesses. Entretanto, corpos europeus eram violados por serem considerados inferiores; a desumanização e violência sexual e de gênero podem ser vistas, como o caso de Encarnación, que foi sexualmente violada (além de outros tipos de violações). Esses personagens eram vistos como humanos, ou em uma categoria mais próxima do civilizado, o que não significa que foram humanizados. Entretanto, no caso de Olanna constatou-se que a moça foi totalmente desumanizada, e considerada uma selvagem. Por fim, para o último médium da Ordem, Juan, houve a aplicação de novos princípios e métodos com o intuito de fazê-lo sobreviver por mais tempo. Um novo ponto a ser destacado é a junção da erotização, sexualização e força de trabalho do(a) imigrante. Em todos os casos, evidenciou-se a violência e a imposição das grandes famílias que se beneficiaram da colonização e que mantêm vivas as estruturas da colonialidade. Ressaltamos as reações desses médiuns que não tiveram posições passivas: o jovem escocês mordeu Thomas Mathers, Encarnación matou os homens da seita, Juan conseguiu ocultar seu filho, impedindo que a Ordem o encontrasse. Cada um(a) usou suas estratégias, dentro de suas possibilidades, para resistir às forças da seita.

CONSIDERAÇÕES parciais

Consideramos que uma leitura descolonial de *Nossa parte de noite* é importante para compreendermos como a colonialidade está presente nas relações de gênero e de raça em nossas vidas. Nesta etapa, a literatura pode contribuir na tarefa de pensar, planejar e propor caminhos diferentes e mais coerentes com a realidade da América Latina. As personagens de Enriquez denunciam como as concepções do belo e de alguns comportamentos considerados finos e elegantes foram trazidos da Europa e incorporados em nossos territórios, impactando a

forma como somos nomeados(as) e como nomeamos alguém (feio, bonito, elegante, chique, entre outros). Enriquez questiona as grandes fortunas, como são construídas e utilizadas, assim como o conceito de “boa família”. Ademais, as relações da Ordem com o novo padrão de poder capitalista baseadas na ideia de raça (Quijano) e de gênero (Lugones) foram trabalhadas no artigo. Portanto, é uma tarefa diária denunciar as estratégias de dominação da colonialidade que limitam, violam e matam as pessoas do sul global.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BECERRIL MATÍA, Sara. “Terror y gótico en Nuestra parte de noche, de Mariana Enriquez: una historia de vida y muerte”. Monografía (Filología hispánica) – Facultad de Filología, Universidad de Salamanca. Salamanca, p. 31, 2020.
- CONNELL, Raewyn. “A iminente revolução na teoria social”. RBCS, v. 27, n. 80, p. 9-20, out. 2012.
- ENRIQUEZ, Mariana. *Nossa parte de noite*. 1 ed. Rio de Janeiro: intrínseca, 2021.
- FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano de. “Identidade negra entre exclusão e liberdade”. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 63, abr. 2016, p. 103-120. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i63p103-120>.
- GOMES, Nilma Lino. “Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?” Revista Brasileira de Educação, n. 21, set.- dez. 2002, p. 40-51. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000300004>.
- LUGONES, María. “Colonialidad y género”. Tabula Rasa, n. 9, jul.- dez. 2008, p. 73-101.
- O'GORMAN, Edmundo. *A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do novo mundo e do sentido do seu devir*. Ed. São Paulo: Unesp, 1992.
- PERIN, Rodrigo Lenharo. “A Subjetividade latino americana como um engendramento ideológico da colonização”. Monografia (licenciatura em Filosofia) - Instituto latino-americano de economia, sociedade e política (ILAESP), Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, p. 64, 2024.

QUIJANO, Aníbal. “Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina”. Estudos avançados, v. 55, n. 55, 2005a, p. 9-31.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: Lander, E. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005b. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_o_ciencias_sociais.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf). acesso em: 25 jul. 2024.

SAID, Edward. *Orientalismo: O oriente como invenção do ocidente*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ZAPATA BETANCUR, Andrés Felipe. “Recorriendo el litoral argentino: un análisis sobre el viaje en Nuestra parte de noche (2019) de Mariana Enriquez”. Monografía (Estudos literários) – Facultad de Teología, Filosofía y Humanidades, Universidad Pontificia Bolivariana. Medellín, p. 86, 2021.

Artigo Recebido em: 07 de julho 2025.
Artigo Aprovado em: 18 de agosto de 2025.